

## LIRISMO POÉTICO: CONSOLIDANDO UMA IDENTIDADE <sup>1</sup>

Samuel Klauck

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados das análises do processo de colonização da Gleba dos Bispos, enfocando a construção de uma comunidade no Oeste paranaense. Concentra-se na afirmação da identidade do “novo espaço” a partir da ação de colonizadores e dos discursos proferidos em forma de lirismo poético. Expõe o sucesso do empreendimento, a partir da memória local, ligando-o à história regional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colonização; Identidade; Memória; Oeste paranaense.

Acompanhando o processo de ocupação recente do Oeste do Paraná, definida como uma *nova fronteira agrícola* (Gregory, 2002), nos anos 1940 e 1950, um projeto colonizatório definido como Gleba dos Bispos, apresenta peculiaridades. Ele inicia efetivamente uma década após a primeira fase, tendo seu auge nos anos 60 e 70. O projeto de colonização alicerçado por três dioceses da Igreja Católica, a de Jacarezinho, Palmas e Toledo, esboça tendências de uma organização associativista e de espírito comunitário.

Seguindo os passos de outras colonizações contemporâneas, a Gleba dos Bispos dividiu-se em núcleo urbano, conhecido como Cidade Missal, e núcleo rural, que era constituído pelos lotes rurais destinados aos colonos migrantes. As constantes transformações, no decorrer da colonização, são motivos

<sup>1</sup> Este artigo consiste numa versão de uma parte da Dissertação de Mestrado intitulada “Memória e Identidade: Da experiência da colonização da Gleba dos Bispos”, em fase final de desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação Interinstitucional UFF/UNIOESTE.

de efetiva divulgação e também de vanglorização pessoal dos integrantes da nova ocupação.

Com a consolidação do projeto da Gleba, o processo migratório é iniciado. Entendemos que a partir deste momento, quando surge uma comunidade, os membros vão construindo laços de identidade. Esta ligação foi facilitada pela pequena extensão territorial da Gleba, possibilitando a todos se conhecerem, mantendo entre si uma forte ligação cultural. No exemplo da constituição da colonização, vemos que muito tem a contribuir a idéia expressa por Colnaghi e Magalhães (1992: 118), que define identidade comunitária como sendo:

*os laços de solidariedade e conterraneidade que se desenvolvem em determinado espaço geográfico. Ainda à medida que estas formas de sociabilidade vão tecendo-se no tempo, a memorização de determinados acontecimentos a elas atrelados, consolida-se como patrimônio cultural. E essa memória constitui a cristalização da identidade coletiva local.*

Nós utilizaremos este conceito para entender como, a partir de duas obras, um poema e uma canção, dois autores retratam a colonização, esboçando no enredo uma idéia de pertencimento a nova comunidade que está sendo estabelecida e também demonstrando o desenvolvimento que a colonização está proporcionando. Estaremos analisando um poema manuscrito de Eugenio Brod, intitulado *Kenst du das Schone Land*<sup>2</sup> e a canção *Im Jahre der Gruendung der Pfarri Nossa Senhora da Conceição – Missal 1965*<sup>3</sup>. As fontes serão inter-relacionadas já que ambas

<sup>2</sup> Poema manuscrito de Eugenio Brod, s/d. O autor nasceu em 22/09/1897 e faleceu em 21/12/1987, faz-se uma estimativa que a fonte date da década de 70. Nela evidencia-se a expectativa da colonização da nova terra, Cidade Missal, que neste momento assume característica de terra prometida e onde um futuro é possível. A tradução do título é: *Você conhece esta terra bonita?*. As traduções do poema e da canção que seguirão no decorrer do texto, foram realizadas pela professora Elise Schmitt, professora habilitada em Português e Alemão. O poema a partir deste momento será identificado como P1.

<sup>3</sup> Cf. CLUBE DE IDOSOS SEMPRE ALEGRE. **Canções Populares**. Missal: Gramil, julho de 1997. p. 64 (Canto 150). O canto não apresenta a autoria. Mas é senso comum, a partir da memória dos pioneiros a atribuição da autoria ao padre jesuíta Benno Beurem, pároco de Missal entre os anos de 1965 à 1973, cf. PAULUSBLATT, Stt. **Goldenes Priesterjilauem von P. Benno Beurren, SJ**. Porto Alegre: novembro de 1987. nº 11. p. 504-505. Consta que este teria sido cantado pela primeira vez sobre a ponte do Rio Ocoy, quando da inauguração da ponte nova. A tradução título é: *No ano da fundação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Missal 1965*. A partir deste momento o canto será identificado por C1.

são apresentadas em língua alemã, possibilitando um entendimento de afinidade cultural pela língua.

Inicialmente percebemos que a idéia de pertencimento a uma nova comunidade, necessariamente implica em localizar esta. A canção nos mostra isso:

*Do Ocoí ao São Vicente  
Há um pedaço de terra  
Tão maravilhosa, vinda da mão de Deus,  
É nossa terra natal<sup>4</sup>.*

A estrofe não só delimita claramente as fronteiras, nomeando os Rios Ocoi e São Vicente, mas considera elementos valorativos – o Rio Ocoi é marco das dificuldades de sua ultrapassagem para chegar a Gleba e o outro, presente dentro da própria área da colonização – marca a área que está constituindo a nova comunidade. Percebemos que a caracterização carrega uma carga afetiva. A “terra natal”, quando utilizada no original – *heimatland* – assume significados além da identificação geográfica.

Como nos apresenta Magalhães o “*O Heimat denota os sentimentos pessoais que se nutre pela terra natal (uma aldeia ou um município) ou, mais simplesmente, o lugar onde se nasceu*” (Magalhães, 2000: 83). O *heimatland* contém um sentido afetivo explícito além da mera localização física. Conclui-se que a nova terra é querida, assumindo valor para o cotidiano das pessoas. A afetividade acompanha o processo de fixação, mas no discurso, parece anteceder-lo.

<sup>4</sup> A partir deste momento a inserção dos versos dos cantos se fará no corpo do texto em português, mantendo-se a escrita original em alemão na nota de rodapé.

*Vom Ocoí bis São Vicent,  
De liegt ein Stuecklein land,  
So wundersehoen, aus Gottes  
Haend,  
Ist Unser Heimatland. (C1)*

<sup>5</sup> *Kenst du das Schöne land wo  
urwald so rasch ferschwand  
der brafe pioner für sich schuf  
sein Nachtquartier. (P1)*

*Você conhece esta terra tão bonita, onde a mata  
virgem sumiu tão de repente  
Onde o pioneiro valente para si construiu o  
alojamento noturno<sup>5</sup>.*

Esta terra bonita é o *heimatland*, território que se transforma em espaço que está sendo vivenciado pelos pioneiros. Este território que era originalmente mata fechada, se torna no discurso o espaço adequado para realiza-

rem um investimento afetivo. O desaparecimento da mata é, neste contexto, obra do desbravar do pioneiro, estabelecendo uma idéia de conquista. Na constituição do novo espaço entra em cena o agente deste feito, o colono, o que supõe a relação do homem/natureza e sua sobrevivência na vida diária. Assim temos o colono como agente e personagem que merece destaque na colonização. A proposta de vender lotes rurais, destinados a formar pequenas propriedades, se mostra concretizada através do poema:

*Você conhece esta terra bonita, da mão trabalhadora do colono,  
Trabalha suado de suor, para colher seus produtos”<sup>6</sup>.*

A imagem do *kolonist* define o *corpus* de identidade das pessoas que aqui se estabeleceram. É presumível que o colono, além de ser o desbravador do *urwald*<sup>7</sup>, assumia novas características quando este é entendido a partir da sua ação – o trabalho –, o que funciona como justificativa do engrandecimento de sua obra. O trabalho não quer ser entendido como simples evidência de satisfação imediata, mas se constitui em base para uma situação nova. Temos assim, a constituição de uma idéia para a qual convergem os demais princípios: o trabalho assume a configuração de núcleo de identidade comunitária.

A colonização da Gleba cria abertura para que se constitua um enredo que remeta a outras épocas. Os personagens que migram são descendentes de imigrantes, vindos de outros países e mesmo de outras regiões brasileiras, onde se percebe, que o elo unificador é a valorização do esforço para vencer. No caso específico da ação colonizadora, os migrantes afirmaram-se na constituição de comunidades voltadas inicialmente à atividade agrícola. Por conseguinte, vem a valorização do colono e do trabalho rural, uma vez que o sertão deve ser desbravado, conquistado e nele se estabelecer e progredir, afirmados como traços de continuidade simbólica e prática.

Esta situação não seria possível sem outros elementos: o solo e sua fer-

<sup>6</sup> *Kenst du das Schöne land, des Bauerman fleisige Hand erschafft er, schwitzt er Reucht, drum seine Produkte erzeugt (P1)*

<sup>7</sup> *Urwald* no nosso contexto significa florestas, matas, lugar desconhecido a desbravar. Esta é uma conotação romântica ligada às narrativas de ocupação de novos territórios pelos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e posteriormente, por seus descendentes.

tilidade. Isto permite que não só a primeira relação – trabalho/colono – seja possível, como vai garantir sua valorização. Isto é perceptível na estrofe que segue:

*O chão é fértil, o solo bom,  
Onde tudo cresce tão bonito  
O colono muito bem animado  
Ao trabalho vai com prazer<sup>8</sup>.*

A terra fértil além de território, *heimatland*, é sinal de crescimento, uma vez que o colono desprende do seu tempo ação para que haja produção. Tal conotação é reveladora quando pensamos na constituição da memória, pois deve-se entender que além das densas florestas, o colono pioneiro trazia consigo a lembrança das terras anteriormente cultivadas na sua região de origem, muitas vezes regiões montanhosas, sujeitas a ação de pragas e, em alguns casos, ínfima para distribuição entre os filhos das famílias que ali estavam estabelecidas. A afirmação da qualidade do solo vincula-se aos discursos das companhias colonizadoras que, em sua propaganda, descreveram esta região como a Canaã prometida.

Assim, os versos de certa forma expressam a reprodução dos discursos antes veiculados pela companhia de colonização, reforçando a identidade dos praticantes de espaço, evidenciada pelo papel do colono e seu trabalho, como também a sua relação com a terra, solo fértil que produz a partir de sua ação. Além da identidade individual afirma-se a identidade comunitária.

O sucesso da experiência aparece nos versos, referenciando e confirmando a profecia da terra prometida:

<sup>8</sup> *Der boden stark, die Erde gut,  
Es waechst doch alles so schoen.  
Der kolonist, ganz wohlgenut,  
Tut Frendig arbeiten gehn. (C1)*

<sup>9</sup> *Die Sojabohn, auch der  
Mandiok,  
Der milho und auch der Reis,  
Man sieht es gleich an jedem  
stock,  
Belohnt ja gott unsern  
schweiss.(C1)*

<sup>10</sup> *Da schau zum Bauer hin dort  
in der Pekate drin  
Wo muth die Kuh in Stall, wo  
grungen die Schweine all. (P1)*

*A soja, também a mandioca,  
O milho e também o arroz,  
Logo se vê em cada planta,  
Que Deus gratifica nosso suor<sup>9</sup>.*

E:

*Veja lá o colono, desbravando em suas picadas  
onde muge a vaca na estrebaria, onde os porcos  
grunham todos<sup>10</sup>.*

Associando a produção ao esforço e a presença permanente do colono, visualiza-se que o fazer diário seja gratificante e mereça reconhecimento. A evidência do papel do colono e sua produção, que se afirmam em identidade, traduz o discurso de bênção divina que se define a partir da Igreja. A gratificação do trabalho é o reconhecimento social e o reconhecimento maior na graça divina. A relação produção/gratificação produz o ritual de agradecimento e valorização do trabalho na produção.

Além do trabalho e da vinculação à Igreja, a escola neste contexto, também assume papel de destaque. Brod, num de seus versos, faz menção à valorização da escola junto a nova comunidade:

*Você conhece esta terra bonita, onde as escolas despertam o juízo, o professor e a professora juntos se ocupam<sup>11</sup>.*

Percebe-se que esta instituição é merecedora de ênfase, pois teria a finalidade de despertar o juízo, preconizando valores que deveriam ser observados. A escola comunitária, integrando a identidade dos praticantes é espaço de apreensão não só do conhecimento escolar, mas também os relacionados à vida cotidiana da prática agrícola, e também valores religiosos, étnicos e comunitários. Ressalte-se, que a maioria das escolas freqüentadas pelos migrantes, nos locais de origem, eram confesionais, tendo ligação direta com a comunidade religiosa a que pertenciam. Nesta situação, a escola assume o ensino do catecismo, os preceitos morais, a tradição. Não é mais o professor comunitário da igreja que assume este papel, mas leigos, que se ocupam em garantir o mínimo de escolarização aos filhos destes migrantes neste novo espaço da Cidade Missal.

Esta concepção é perceptível em várias épocas diferentes, pois a escolaridade era a forma de se manterem vivas as tradições, os costumes e raízes valorizados pelos imigrantes europeus. A manutenção dessa relação é perceptível na região Oeste, a partir da fixação das levas de colonizadores, como atestam as referências à cobrança pela instalação de escolas nestes novos espaços (Gregory, 2002: 144-145).

Quando não implantada pela colonizadora, são as próprias famílias da comunidade que se esforçam para

<sup>11</sup> *Kenst du das Schöne land, wo Schule erwelst den ferstand der Lehrer und Lehrerin gemeinsam heschäftigt sind (P1)*

construir escolas e igrejas. Na distribuição do espaço urbano da Cidade Missal aponta-se a presença do local reservado para a Igreja. Na avenida principal no desenho da planta da cidade vemos a condução para o templo religioso, localizado “*Numa colina levemente íngreme, a igreja adverte a rezar*”<sup>12</sup>.

A sugestiva localização topográfica é eloqüente no sentido da valorização dos preceitos representados pela igreja. Os pioneiros/colonizadores/colonos e suas famílias têm no sentido religioso uma base excepcional para sua afirmação como comunidade. Assim, a igreja que adverte para rezar é ponto de encontro de famílias, lugar de agradecimento, da realização de festas comunitárias, referência de união além de assistência para as necessidades imediatas. Na próxima citação vemos na Cidade Missal a valorização da presença da Congregação das Irmãs da Divina Providência<sup>13</sup>.

*Graças a Deus. Nós gostamos de ver,  
Que irmãs estão aqui conosco,  
Elas nos ajudam de perto ou de longe,  
Onde muito trabalho e necessidade há*<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> *auf leichtet gesvolbter hoh die Kirche ermant zum gebet* (P1). No mapa do centro urbano do atual município de Missal, a anterior Cidade Missal, percebe-se que o caminho conduz as pessoas que chegam à cidade, vindos pela Avenida D. Geraldo Sigaud, até a Igreja, pois é o final desta avenida sendo a igreja visível à certa distância.

<sup>13</sup> Esta congregação se instalou definitivamente em Missal em 23 de fevereiro de 1967. Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE MISSAL. **Missal**, dez., 1992, p. 5. (Revista da Gestão Municipal do ano de 1992).

<sup>14</sup> *Dem Herrgott Dank. Wir sehen gern,  
Dass Schwestern hier bei uns sind  
Sie helfen uns bei nah und fern,  
Wo arbeit viel und not sind.*  
(C2)

A ordem religiosa, oferecia práticos além dos espirituais, prestando serviços de parteiras, primeiros socorros médicos e atuava na área da educação na Casa Escolar Padre Eduardo Michelis, atendendo as famílias que ali estavam estabelecidas (Prefeitura Municipal de Missal, 1992: 5).

A ligação comunitária com a igreja revela a transposição desta instituição da região de origem através da tradição, ao espaço que esta sendo formado. Percebe-se que no dia a dia dos praticantes tal relevância se afirma como referência de identidade, o que não se aplica somente ao caso específico de Missal. A ausência do luteranismo na Gleba, nos momentos iniciais, pode ser entendida, pela forte presença da

Igreja Católica na colonização. Exclusão que não é geral no Oeste do Paraná, tendo núcleos com efetiva participação de luteranos, como no caso Marechal Cândido Rondon.

Na avaliação geral, permeando os caminhos expressos nos versos, é possível atribuir a eles sentidos de auto estima e perseverança na construção da nova comunidade. A Cidade Missal é apresentada como encerrando as qualidades almejadas pelos colonos, que valorizar sua ação, para o crescimento e afirmação da comunidade.

### Referências Bibliográficas:

CLUBE DE IDOSOS SEMPRE ALEGRE. **Canções Populares**. Missal: Gramil, 1997.

COLNAGHI, Maria Cristina, MAGALHÃES FILHO, Francisco de B. B. de, MAGALHÃES, Marionilde Dias Bremphohl de. **São José dos Pinhais: a Trajetória de uma cidade**. Curitiba: Prephacio, 1992.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

MAGALHAES, Marionilde B. de. **Pangermanismo e Nazismo: A trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

PAULUSBLATT, Stt. **Goldenes Priesterjilauem von P. Benno Beurren, SJ**. Porto Alegre: s/ed., 1987.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MISSAL. **Missal**, dez., 1992. (Revista da Gestão Municipal do ano de 1992).

**Samuel Klauk**

é Mestrando em História social pelo Programa de Pós-Graduação Interinstitucional UFF/UNIOESTE.